

A CRISE SEM FRONTEIRAS Falta de crédito e alta dos juros obriga empresas brasileiras a reduzirem lucros para manter competitividade

Dando a mão para não perder o braço

SONIA JOIA

Michel Filho

As empresas brasileiras terão que reduzir margens de lucro para não perder competitividade internacional após o *crash* das bolsas mundiais. Com o crédito para países emergentes mingüando no exterior e os juros explodindo no Brasil, os custos de produção tendem a disparar. Mas com a desaceleração da economia brasileira e a redução dos preços em dólar dos produtos asiáticos – devido a desvalorizações cambiais médias de 30% a 40% – as empresas se desdobrarão para não repassar a alta de juros aos preços dos produtos.

“O Brasil e os países asiáticos concorrem na venda de diversos produtos manufaturados. Há superposições na área de produtos siderúrgicos, em petroquímica, têxteis e automóveis, por exemplo. O custo da mão-de-obra tornou-se mais barato em dólar. Isso significa não só a possibilidade de terem preços melhores, como serão mais atrativos para investimentos do que nós”, avaliou o economista Maurício Mesquita, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

As empresas mais afetadas serão as pequenas e médias, segundo Mesquita, pois dependem de capital de giro e este pode custar mais de 15% ao mês. Os grandes exportadores não serão afetados, porque vêm sendo financiados pelo BNDES a taxas internacionais – variação cambial mais cerca de 6% ao ano (*libor*, taxa do mercado inglês) – e isto não vai mudar. Recebem empréstimos tanto a produção para exportação como para seus clientes no exterior.

Choradeira – “A crise vai afetar de forma diferente as empresas. Alguns levarão até vantagem, pois têm dinheiro em caixa e lucrarão com a alta dos juros. Outros terão forte aumento de custos, pois estão no momento de rolar dívidas no exterior. Mas dificilmente conseguirão repas-



Paulo Nogueira: “As empresas que dependem do sistema bancário brasileiro estão em situação ruim”

sar isso aos preços”, avaliou Mesquita, que prevê um aumento da “choradeira” e das queixas de *dumping* (concorrência desleal com preços abaixo de custo) devido ao aumento da concorrência asiática.

O economista Francisco de Moura Assis, ex-superintendente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e atual diretor do Banco Marka, também acha que a concorrência com os asiáticos terá maior impacto na competitividade brasileira do que a alta dos juros. E diz ser impensável um repasse do aumento de custos para os preços quando o país está a beira de uma recessão.

“Para não perder mercados lá fora, que são difíceis de ser conquistados, elas tentarão reduzir outros custos ou agüentar uma redução no lucro e até mesmo prejuízos provisórios. Este nível de taxas de juros é estratosférico e não pode durar mais que dois ou três meses”, afirmou Assis.

Para o economista José Júlio Senna, ex-diretor do Banco Central e atual diretor-superintendente do Banco Graphus, tudo depende do tempo que durarem as altas taxas de juros. Mas ele também aposta que elas vieram para durar pouco e que as empresas serão mais afetadas no resultado do que na competitividade. “As empresas tendem a reduzir margens de lucro, porque com a desaceleração da economia, crescerão os excedentes exportáveis e ninguém vai aumentar preços, correndo o risco de perder mercados”, avaliou.

Competição – Para Paulo Nogueira Batista Junior, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, as empresas brasileiras vão perder competitividade não só no exterior, mas frente às importações. “As empresas que dependem da rolagem de eurobônus no curto prazo ou do sistema bancário brasileiro estão em situação ruim e, se não conseguirem cortar outros custos, perderão com-

petitividade. E isso vai aprofundar o processo de desnacionalização em andamento”, afirmou.

Mas a perda de espaço para concorrentes externos não vai piorar a situação da balança comercial, pois prevalecerá o efeito da desaceleração da economia. “Mesmo que algumas empresas percam mercado para importações, a tendência é que estas caiam com a redução do nível de atividade”, afirmou.

Para Mesquita, do BNDES, é difícil dizer agora que tendência vai prevalecer: “Se o país crescer só 1% ou 2% como estão estimando alguns, isso terá sem dúvida um efeito favorável sobre a balança comercial. Por outro lado, as exportações de manufaturas terão que competir com as empresas asiáticas, que tiveram brutais reduções de custos. É difícil prever o que acontecerá com a balança. O certo é que as empresas brasileiras ficarão em situação ainda mais vulnerável”.